

“TAVARIAÇÕES” LEXICAIS: A TESSITURA LITERÁRIA DE MARCOS TAVARES

Josina Nunes Drumond

Pós-Doutorado em Literatura Comparada (Universidade Federal de Minas Gerais)

E-mail: jonund2@yahoo.com.br

Ao homem.
O ofício dos ossos: sustentar
o corpo

Ao corpo.
Os ossos do ofício: sustentar
o homem.

(Marcos Tavares – *Gemagem*, p. 80)

28 Em um capítulo do livro *A modernidade das Letras capixabas*, de Francisco Aurélio Ribeiro, há um ensaio muito bem fundamentado sobre os contos de Marcos Tavares, sob a luz da Semiótica peirciana. Em 2011, Anaximandro Amorim fez também uma análise acurada desse autor. Outros estudiosos, como Erly Vieira, Fernando Tatagiba, Bernadete Lyra, Deny Gomes, Yan Patrick Siqueira, André Serrano, Beth Rodrigues, entre outros, foram unânimes em louvar o esmero da escritura de Marcos Tavares, no que concerne ao minucioso trabalho com o significante, às sutilezas do significado e às técnicas próprias da poesia utilizada por ele na prosa. Muito se fala sobre o burilamento de sua escritura, mas falta demonstração do que se diz. Propus-me então, a possibilitar ao leitor o acesso à tessitura lexical desse autor, por meio de farta exemplificação. Antes, porém, atendo-me a algumas ponderações pertinentes ao tema em questão.

Em um de seus livros, Guimarães Rosa lança mão de uma frase de autor desconhecido para definir a metafísica: é um cego, em um quarto escuro, à procura de um gato preto, que não está lá. Esta frase, que demonstra a inutilidade da busca e a impossibilidade de encontrar o que se procura, é também usada como definição de Filosofia, no que tange à falta de respostas aos questionamentos ontológicos. É usada igualmente para definir a Teologia, no que concerne à busca das divindades. Há quem acrescente, ironicamente, que o teólogo é aquele que encontra o gato. Vale ressaltar que, essa mesma frase, com variante do sujeito, é atribuída a Darwin: “o matemático é um cego, em uma sala escura, procurando um gato preto que não está lá”.

Tudo é calculado matematicamente, na obra do ex-estudante de Matemática, Marcos Tavares. No momento da criação, ele prioriza a razão, em detrimento da emoção. O ludismo de seus jogos lexicais não é casual; é cerebral. Segundo ele, “A má temática não faz mau o poeta. A Matemática não faz mal ao poeta. Melhor um poema maldito que mal escrito”.

Voltando ao gato preto, no conto que dá título ao livro *No escuro, armados*, o autor expande simbolicamente a definição acima citada. Trata-

-se de um duelo, no escuro, de surdo-mudos-cegos armados de foices. O motivo é inusitado: uma desavença por algo que nunca viram. “Cientes de que iam morrer – pelo simples fato de existir – e de que tinham apenas um lugar à sombra de seus próprios corpos”, disputavam nada menos que um raio de sol.

O jogo de palavras dentro do campo semântico da impossibilidade é profícuo. Os duelistas “acreditavam cegamente na ceguidão da justiça a ser obra por suas próprias mãos”. Na falta de testemunha ocular, devido à escuridão, “e havendo nula paisagem, fingiram vista grossa [...], lançavam, às cegas, olhares de incendiadas iras; depois agrediam-se mutuamente com surdos insultos [...] fez-se entre eles mudo silêncio – silêncio mortal[...] cabeças pelo chão. (pp.72-73)

O duplo sentido metafórico, os paradoxos e as ambiguidades enriquecem sua prosa poética. Dr. Francisco Aurélio Ribeiro faz interessante analogia do duelo do conto “No escuro, armados” com o ato da criação literária. Seria uma metáfora da luta (sem testemunha) do escritor com a palavra, no momento da criação. Nesse caso, suponho que o “escuro” corresponda ao “branco” da página ou ao do visor do computador, diante dos quais o criador dá luz à sua criação.

A sensação de estranhamento, na escritura de Marcos Tavares, em face do inapreensível, instiga o leitor a buscar as entrelinhas. Esta é a mesma linha de criação de Guimarães Rosa, que deixava evidente seu intento de provocar e chocar o leitor, para que este enfrentasse seu texto como a um animal bravo. O objetivo, a meu ver, seria estimular o leitor, deixando-o intrigado, incomodado, de modo que, acabada a leitura, algo tivesse sido acrescentado ou modificado no que concerne à maneira de ver o mundo, as coisas, as pessoas, enfim, a vida.

Tanto esse livro de contos (1987), quanto o de poesia, *Gemagem* (publicado tardiamente em 2005), ambos concebidos nas últimas décadas do século passado, deixam clara a integração do escritor ao “espírito do tempo” (*l'air du temps*) da corrente pós-moderna daquela época. Dentro dessa estética há grande recorrência de traços barrocos, designada Neobarroco. Notam-se nessa obra alguns traços dessa retomada estética: a ambiguidade, a angústia existencial e temporal, o artifício, a bizarrice, o caos, a engenhosidade, o enigma, o erotismo, a evasão, o exagero, a extravagância, o fantástico, o fingimento, o fragmento, a fratura, a fruição, a fugacidade, a imprecisão, a ironia, o jogo do ser e do parecer, o maniqueísmo, a máscara, o medo, a perversão, o prazer, a pulsão de morte, a teatralidade, a tensão, a tortuosidade, a transgressão, entre outras.

Marcos brinca com a combinação de palavras, surpreendendo o leitor a cada instante com inusitados, sugestivos e pitorescos termos, expressões e estruturas. A reação dos leitores, diante das dificuldades da leitura, oscila entre o abandono do texto e o enfrentamento do desafio. O aspecto lúdico se manifesta sobremaneira por meio do ritmo. Por vezes a preocupação do autor com a sonoridade supera questões gramaticais ou semânticas. Repetição de sílabas, de palavras e até mesmo redundâncias fazem parte desse jogo.

Nesse sucinto recorte, não vamos nos enveredar pelas figuras de harmonia, que ressaltam as combinações sônicas dos vocábulos, tais como a aliteração, a assonância, o eco, a onomatopeia, o paralelismo, o parequema, a paronomásia, o *ritornello*, a simetria, o homoteleuto, a sinestesia, entre outras.

Não vamos tampouco nos ater às figuras de construção, dentre as quais autor lança mão de diversos tipos de repetição, omissão, transposição e discordância.

Entre as figuras de pensamento, podem-se ressaltar, nessa obra, a anáfora, a apóstrofe, a descrição, o retrato, o dialogismo, a dubitação, a hipérbole, o paradoxo, o circunlóquio...

Entre os tropos, encontram-se alegorias, imagens, metáforas, símbolos, metonímias e sinédoques.

30

Seria por demais árido e enfadonho fazer o levantamento dessas técnicas poéticas na obra. Deixemos de lado o tecnicismo e mergulhemos, como diria Barthes, no “prazer do texto”. Para o deleite do leitor, foram escolhidos excertos do conto mais denso, intitulado exatamente “Excertos”. Tal conto pecaria pelo excesso de neobarroquismo linguístico, caso não tivesse como narrador um suposto mentecapto: a linguagem prima pela superabundância, pela artificialidade e afetação; a narrativa é caótica, fragmentada, contendo toda sorte de preciosismos, rebuscamento verbal, jogos de palavras, aproveitamento da materialidade fônica e semântica de cada palavra.

Nesse conto (p. 34-39), há a maior concentração de neologismos e de jogos de palavras de todo o livro. Há nele dois narradores. O que conta a história, que quer ser remido de uma morte que poderia lhe ser atribuída. O outro narrador é um de seus personagens que se enforcou, sem seu consentimento, talvez pelo fato de temer que não lhe fosse outorgado o papel principal. Diz o primeiro narratário: “enforcou-se porque quis, pois eu não lhe dei a corda”. Para provar sua inocência, tenta demonstrar a insanidade do suicida por meio de diversos excertos que este havia deixado, com de 10 linhas cada, todos eles datados. A linguagem fragmentada, meio desconexa, salpicada de neologismos e jogos de palavras tem como objetivo conscientizar, quem interessar possa, que primeiro narrador tem lisura de

caráter e é inocente, enquanto o segundo narrador-personagem-suicida tinha sérios problemas mentais.

No final, há uma interferência metalinguística, na qual, o narrador-autor faz um apelo ao leitor: “mesmo assim, eu, o contista criador desse universo, ainda não de todo satisfeito com um desfecho sem maior impacto, embora já bastem revelações que me eximem de qualquer culpa [...] E assim, senhoras e senhores, julgadores de mim, apiedem-se de minha alma, porque eu não tive culpa...” (p. 38).

A declaração do autor, em entrevista a um jornal, a seguir, sobre a estética do fragmento, ilustra perfeitamente o parágrafo da página 38: “Minha literatura é feita aos pedaços. É como se fosse uma colcha de retalhos” (Marcos Tavares, p.159)

Concluindo, em certos contos, como “Excertos”, “Fabulosa”, “Revisão”, “Num domingo, dia de feira” e em tantos outros, o burilamento da forma e a poeticidade da prosa expandem a narrativa para muito além da fábula. Em alguns deles, a pluralização sígnica escapa de qualquer possibilidade de delimitação e proporciona infinitas interpretações. A cada releitura, novos horizontes, novas descobertas. Esse livro é, como disse com muita propriedade Jackson Libardi, uma “metralhadora de signos e de figuras de estilo”.

Sua apresentação, por Oscar Gama filho, retrata, com muita competência e maestria, o meticuloso trabalho formal do autor. Para concluir, cito o que ele diz a respeito da linguagem de Marcos Tavares: “[...]tem de ser lida não só nas entrelinhas, mas também nas entreletras, nas entrepalavras e nas entre frases [...]”

O processo interpretativo de obras polissêmicas, como esse livro (*No escuro, armados*, 2017), é filão inesgotável. Essa obra, desde a década de 80, vem suscitando e suscitará sempre novas pesquisas sobre si própria devido à indubitável qualidade literária aliada à polissemia que se desdobra infinitamente.

